

UM POETA FRANCÊS NA BAHIA DE 1896

CLÁUDIO VEIGA (UFBA)

Em 1896 eram razoavelmente conhecidos na Bahia os mais representativos poetas da literatura francesa daquele século que se extinguiu: românticos, parnasianos, simbolistas. Um dos mais categorizados apreciadores baianos daquela literatura era, no momento, o escritor Pethion de Villar que deixava transparecer em seus versos quando freqüentava a poesia francesa. Não só suas epígrafes, mas ainda suas alusões, reminiscências, traduções e paráfrases mostram que Pethion de Villar encarna a figura do **leitor ativo**, de que trata Cl. Pichois - aquele que, mediante leituras, sabe fecundar as suas criações. Além de abeberar-se na poesia francesa, também poetava em francês.

Naquela Bahia fim de século, precisamente no dia 3 de abril de 1896, desembarcou um poeta francês, Léon Nemo. Não se tratava de um êmulo de Victor Hugo, Leconte de Lisle ou Verlaine, mas de um pequeno poeta que escolhera para si um pseudônimo modesto e malicioso - **Nemo**, indefinido latino que significa **ninguém**, em português, e **personne**, em francês. Sendo companheiro de travessia do jovem pintor baiano Lopes Rodrigues que, depois de longo estágio em Paris, voltava à terra natal, ganharia

Léon Nemo, na Bahia, a amizade de Pethion de Villar. Daquela vez desembarcava no porto baiano, não o costumeiro pacote de livros franceses, mas um escritor francês, de carne e osso, embora estivesse bem longe de ser um dos maiores.

Segundo informação de uma folha local, o **Jornal de Notícias** (27/6/1896), na qual publicou versos de sua autoria, **Léon Nemo era um rapaz de verdadeiro talento, bastante conhecido na imprensa parisiense pelas suas inúmeras composições poéticas e canções cheias de muita verve.** Conforme palavras do próprio poeta, como se verá adiante, sua canção popular **Honneur et Gallette** podia ser encontrada em 1896, em **petit format**, nos vendedores e editores de música, em Paris. Em 1900, a **Librairie Théâtrale**, 30 rue de Grammont, publicou a peça que escrevera de parceria com Jules Moy - **Si nous étions des hommes!** - comédia em um ato, na qual duas jovens esposas, um tanto desprezadas pelos respectivos maridos, que eram deputados, começam a dialogar, a partir de certo momento e por gracejo, como se elas fossem os próprios consortes.

Antes de sua viagem à Bahia, Léon Nemo conhecera em Paris Lopes Rodrigues que lá se encontrava para aperfeiçoar-se em pintura. Com efeito, no fim do reinado de Pedro II, de quem fora bolsista, deixava o Brasil, em viagem de estudo, o artista baiano. Proclamada a República, Rui Barbosa lhe conseguiu uma ajuda anual de dezesseis mil francos. Na França, seu mestre principal foi Léon Bonnat que gozava de espantosa reputação de retratista. Lopes Rodrigues figurou honrosamente, em Paris, no Salão de 1896.

Não levou Lopes Rodrigues, em Paris, uma vida de ermitão. Era bastante relacionado. Em 1893, sua residência parisiense estava localizada no Boulevard de Clichy, 104. Para aquele endereço acorriam amigos do artista, brasileiros e franceses que deixavam no livro de visita as suas impressões. No dealbar de 1893, A. Vergonnet nele fez este registro:

Je soussigné reconnais avoir dégusté ce jour, 19 de janeiro de 1893, uma Feijoada verdadeiramente da Bahia, como nunca até agora tinha tido.

No dia 13 de janeiro do mesmo ano, vêm consignadas as se-

guintes palavras:

Souvenir de mes pèlerinages hebdomadaires ches
l'ami Lopes Rodrigues(...) Ph. Devillaire

Talvez animasse aqueles encontros a presença de Antoinette,
modelo e amor do artista, retratada em um de seus quadros mais
apreciados - **Adeus!**

Léon Nemo foi um dos que freqüentaram a morada parisiense de
Lopes Rodrigues. Em março de 1896, escreveu no livro de visitas
versos em que comenta ou interpreta uma das telas do amigo:

A mon ami Lopes Rodrigues à propos de son tableau:

Deux Voiles

Au bord d'une tombe deux voiles:
C'est celui d'une mère et celui d'un enfant,
et l'âme du défunt, planant dans les étoiles
les regarde, se souvenant...

Jadis, ils étaient trois autour de cette table
où la mort a laissé ce vide douloureux;
ils étaient trois goûtant le bonheur véritable
en s'aimant simplement, d'être toujours heureux.

Et sous le voile pur de la communiant, la
fille dont l'esprit s'est soudain éveillée
et la Veuve toujours pensant à l'âme absente,
contraste douloureux, viennent s'agenouiller.

Au bord d'une tombe, deux voiles:
C'est celui d'une mère et celui d'un enfant,
Et l'âme du défunt, planant dans les étoiles
les regarde, se souvenant...

Não muito tempo depois, isto é, no dia 20 de março, Léon
Nemo e Lopes Rodrigues embarcam, em Bordeaux, no paquete **Le
Chili**. Não lhes terá sido desagradável a viagem que durou duas
semanas. Primeiramente, houve uma disputa marítima, a partir
de Vigo, entre o paquete francês e o paquete inglês **Nile**. Qual
dos dois chegaria antes ao porto de destino - Buenos Ayres? Fo-
ram tomados de vivo interesse, no **Chili**, a equipagem e os pas-
sageiros entre os quais se encontrava Stephen Picho, ministro
plenipotenciário da França no Brasil. De Vigo a Lisboa, a vitó-
ria coube ao **Nile**. De Lisboa a Pernambuco, o **Chili** saiu vitori-
oso, embora a sua rota fosse mais longa. De Recife a Salvador,

novamente levou vantagem o paquete inglês.

Além dessa competição, duas festas animaram os passageiros. Antes da chegada a Dakar, a oficialidade promoveu uma alegre comemoração. A outra festa, devida à generosa iniciativa de uma passageira, teve como objetivo conseguir recursos para a sociedade protetora de órgãos e viúvas de marinheiros vítimas de naufrágios. Por haver ilustrado o programa do primeiro evento e a lista de subscrição do segundo, Lopes Rodrigues recebeu do comandante Vagnier o diploma de sócio honorário da mencionada sociedade.

No dia 3 de abril, que foi uma sexta-feira santa, entre 14 passageiros que ficaram na Bahia, estavam Léon Nemo e Lopes Rodrigues. Envolvido pela ambiência da cidade, o poeta francês haveria de presenciar os seus principais acontecimentos e acompanhar notícias como a posse do novo Governador, o Conselheiro Luís Viana, a morte de Carlos Gomes, apavoradores surtos de febre amarela, festejos populares: a queima de Judas, as alegres comemorações de Santo Antônio, São João. E, naturalmente, não deixaria de freqüentar o amigo e companheiro de viagem. Tanto que sua poesia sobre os festejos de São João, publicada pelo **Jornal de Notícias**, em 27 de junho de 1896, foi dedicada às so-brinhas de Lopes Rodrigues:

Aux nombreuses nièces de Lopes Rodrigues.

LA NUIT DE LA SAINT JEAN

Le ciel est empourpré de nuages de feu,
Un souffle d'incendie enveloppe la ville
Et l'on dirait que ce sont des flammes qu'il pleut
Sur ce Bahia toujours si noir et si tranquille.

C'est la Saint Jean - Partout on a mis des bûchers
où l'on voit s'élever des tourbillons de flammes
Et les croyants hypnotisés par ces foyers
Recommandent à Dieu de purifier leurs âmes.

Partout on psalmodie un **Acorda Joan!**
Car c'est cette nuit-là que le grand saint s'exhume
Et l'on espère voir son spectre surgissant
Des monceaux crépitants que la flamme consume.

L'or qu'on transforme en poudre en les airs va fuser,
De partout on entend comme des bruits d'orages,
On lance vers le ciel des ballons embrasés
Comme pour envoyer au bon Dieu des messages.

Aux fenêtres l'on voit des frimousses d'enfants
Qui regardent ces feux avec des yeux étranges
Et l'on croit voir avec des reflets rutilants
Des masques de démons sur des figures d'anges.

Bahia, le 25 juin 1896 - Léon Nemo

E no dia 29 de junho compareceu à exposição de Lopes Rodrigues, inaugurada no foyer do Teatro São João, com a presença do Governador, autoridades civis e militares, muitas senhoras, representantes do comércio, das artes e de todas as classes sociais. Por mais de uma vez, voltou à exposição do amigo. Numa dessas visitas, acompanhado de compatriotas seus radicados na Bahia, deixou, de seu próprio punho, esta apreciação no livro de presença:

Ê admirável!
Vu et approuvé,
Les Français présents à l'exposition.

Aproximando a exposição de seu encerramento, consignou no mesmo livro esta paródia de oração fúnebre:

ORAISON FUNÈBRE DE L'EXPOSITION MANOEL LOPES RODRIGUES
(d'après Bossuet)

L'Exposition se meurt!... L'exposition est morte. Dans tout Bahia calme et tranquille plane ce deuil. Et les Bahianiens que leurs occupations ou leur indifférence empêche de visiter c't'exposition en versent d'amères larmes (sur l'épaule droite).

Car tous ceux qui l'ont visitée c't'exposition, se sont écriés comme Moissieû Prudhomme (pas mon vieil ami Sully):

"Cette Exposition et le plus beau jour de ma vie!"

(1) "Honneur et Galette" à vous, ami Lopes, pour l'enfantement de ce génie, à la fois dieu, table et cuvette, qui put vivre et respirer trois semaines dans l'air vicié de cette pseudo-tombe. Et, ma foi, on ne peut vous reprocher qu'une chose c'est de l'avoir enterré vivant. Mais c'est le Panthéon que vous lui donnez, car la gloire vivra éternellement et toujours. Amen! Léon Nemo, 19 juillet 1896

(1) Chanson de Léon Nemo. Chez tous les marchands et éditeurs de musique. 1 fr. le petit format.

E, no termo de encerramento, com nome e pseudônimo (**Léon Gugenheim-Léon Nemo**), encabeça a lista dos que assistiram aos últimos momentos da exposição.

Assim como em Paris escreveu alguns versos sobre uma tela

de Lopes Rodrigues, procedeu igualmente durante a exposição. Numa poesia, apreciou, desta maneira, cópias da autoria do amigo:

A mon ami Lopes

FANTAISIE

Rodrigue, à son exposition
A qui tout Bahia rend visite
Montre plus d'une imitation
De tableaux d'un rare mérite.
Mais le travail est si parfait
Qu'entre la toile et la copie
Chacun se demande quel est
Du vrai chef-d'oeuvre le Sosie.
On ne sait quel est le pinceau
Qui d'un tel talent fut prodigue:
Si Rodrigue a copié Watteau,
Ou si Watteau a copié Rodrigue!

Bahia, Juin 1896
Léon Nemo

Noutra poesia, refere-se à tela em que Lopes Rodrigues exprimiu a sua calorosa adesão ao novo regime implantado no Brasil depois da queda de Pedro II:

A Rodrigues, sur son tableau

LA REPUBLIQUE DU BRESIL

Rodrigues, quelle est cette femme,
Le front haut et le glaive en main
Dont l'oeil vif projette une flamme,
Et dont on voit bondir le sein?
Est-ce quelque déesse antique
Au reflet idéalisé,
Est-ce Mars dont l'ardeur abdique
Dans un élan d'humanité?
Est-ce la conception grandiose
De la paix et du renouveau
Qui firent reflleurir la rose
Sur la terre, immense tombeau?
Est-ce?... Mais non, cette idyllique
Et fière beauté, je le vois,
C'est une belle République
Qui protège et dicte les lois.
C'est le gouvernement du sage,
De l'homme libre sous le ciel,
Et votre femme en est l'image,
Au regard hautain, mais sans fiel.
C'est celle de votre patrie,
Amante du fort et du beau
A laquelle a donné la vie
Le talent de votre pinceau.

Et cette femme symbolise
Avec son regard si viril
Que votre toile immortalise,
La République du Brésil.

Bahia, juin 1896
Léon Nemo

Incentivados pelo exemplo do poeta parisiense, vários poetas locais também se manifestaram em verso no livro de visitas: Fernando Caldas, Bento Murila, A.E. B., Alexandre Fernandes, J. A. Costa Pinto e, anos mais tarde, Artur de Salen. Das poesias motivadas pela iniciativa de Nemo, duas, da autoria de Pethion de Villar, são escritas em francês e se referem à tela que seria a obra-prima do pintor baiano - **Adeus!**... Parece que, sobre a motivação sentimental daquele quadro, cujo modelo foi precisamente Antoinette, amor do artista, Lopes Rodrigues, como procedera com outros amigos, também fizera confidências a Pethion de Villar. E o poeta, em seus versos, também haveria extravasado a sua própria sentimentalidade:

A Lopes Rodrigues - Souvenir fraternel

I

Celle dont le regard si pur vaut un poème
Et dont le front pensif, caressé par la Mort,
Paraît comme endeuillé de l'ombre d'un remords,
Cette Femme est pareille à la Femme que j'aime!

Acculé dans l'enfer, je la verrais encor!...
Ce sont les mêmes yeux sévères, c'est la même
Bouche triste où l'Amour syncope le Blasphème,
Où la baine du Mâle enfin calmé s'endort...

Elle va me parler, mon Dieu!... je vais l'entendre
Cette voix à l'accent mystérieux et tendre
Qui, je ne sais pourquoi me fait pleurer toujours...

Fou!... ce n'est qu'un tableau muet comme un
cadavre, Qu'un portrait simplement qui te hante
et te navre!...

.....
Envoûtements de l'Art! Miracle de l'Amour!...

II

O Toi, dont le pinceau, mouillé par tant de larmes,
A fait palpiter l'Ombre et parler la Couleur;
Toi, dont l'Art surhumain, sans de vains alarmes,
Est si pur et si haut qu'il me remplit de peur;

Par quels divins secrets, par quels terribles charmes,
Sans briser ta paletto et sans briser ton coeur,

As-tu peint ce cruel chef-d'oeuvre de Douleur?
Après quels longs tourments, quelle veille d'armes?!

Combien est grand Celui qui sait ainsi troubler,
Quelquefois calinant et doux comme un baiser,
Afollé quelquefois comme un cri d'agonie!...

En avant! Pêlorin de l'Art! Frère! En avant!
Tu l'as ceint le laurier de tes rêves d'enfant
Et ta gloire est complète, artiste, l'on t'envie!...

Pethion de Villar - Bahia, le 12 juin 1896

Não foi somente na louvação a telas de Lopes Rodrigues que se encontraram Léon Nemo e Pethion de Villar. O visitante francês que, no dia 13 de junho, publicara no **Diário de Notícias**, uma poesia um tanto filosófica, estampou no dia 19, no mesmo jornal, estes versos endereçados a Pethion de Villar:

Dédiés au poète Pethion de Villar

LES ARBRES QUI PLEURENT

L'orage est apaisé. L'immense tache d'encre
desendeuillant le ciel, s'évanouit soudain,
comme après la tempête un vaisseau jetant l'ancre
se repose, à l'abri de l'Océan sans fin.

Le crêpe nébuleux qui voilait les étoiles
quitte le firmament, brusquement déchiré,
et les constellations irradiantes, sans
voiles, sur ce ciel tropical projettent leur
clarté.

Sous les grande cocotiers, hauts comme la tempête
des gouttes d'eau sans bruit tombent sur le gazon,
dernier chant de la pluie - et, redressant la tête
les cocotiers géants planent eu l'horizon...

Alors, il me paraît que ces arbres s'plément
de se trouver tout seuls la nuit, tout seuls si haut,
et que les gouttes d'eau sont leurs âmes qui pleurent,
que le vent qui s'engouffre en eux, c'est un sanglot.

Et mon âme est semblable à ces feuilles qui pleurent;
leurs âmes, je les sens dans mon coeur, tout au fond,
et, laissant s'égoutter mes illusions qui meurent,
mon coeur semble un tombeau qui les garde, profond.

Bahia, le 9 Juin 1896 - Léon Nemo

No dia 26, no mesmo jornal, Pathion de Villar fez o seu
agradecimento, também em verso:

L'ENVOUTÉ DE LA CHAIR
A Léon Nemo - Poète parisien

Quand je ne connaissais pas encore la Femme
Avant d'avoir mordu les bouches et les seins,
Avant d'avoir brisé les formidables seings
Qui fermaient le secret douloureux de mon Ame,

J'étais heureux, mes vers étaient blancs, étaient sains.
Ils sont laids aujourd'hui, tout rouges, je les
trame Dans la nuit, frissonnant sous la Caresse infâme
Qui m'a bleui la chair, qui m'a flairé les reins...

L'atroce envoutement qui m'enserre et me navre;
Pas un cri! c'est le viol saffique d'un cadavre!...
Ma pauvre âme! qu'elle a souffert, qu'elle pleuré!...

Si j'avais su, mon Dieu! si j'avais su d'avance!
Oh! le premier sanglot de ma Virginité!
Oh! le dernier parfum de mon Adolescence!...

O **intermezzo** baiano de León Nemo permitiu-lhe conhecer de perto mais outra figura de destaque da cultura local. Naquêle fim de século, Lopes Rodrigues e Pethion de Villar eram sem dúvida, na província, os principais representantes da pintura e da poesia. Léon Nemo não se radicou na Bahia. Lopes Rodrigues, contra o seu expresso desejo, não conseguiu voltar à França. Estando Pethion de Villar em Paris, em 1906, terá reencontrado o amigo que se escondia num mal agourado pseudônimo e jaz, em nossos dias, no mais espesso esquecimento?

FONTES DOCUMENTAIS

MUSEU DO ESTADO DA BAHIA

Livro de Visitas da Exposição Lopes Rodrigues

ARQUIVO DO ESTADO DA BAHIA

Livro de Desembarque de Passageiros - 1896

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

Jornal de Notícias - 1896

Diário de Notícias - 1896